

## 2007 - União Africana, 5 anos depois

União Africana, 5 anos depois  
Entre o peixe e a pesca, entre o sonho e a realidade  
por: Eugénio Costa Almeida©

Quando em 9 de Julho de 2002, em Durban, um grupo de estadistas afro-iluminados criaram a União Africana (UA) mais não fizeram que materializar a vontade iniciada 3 anos antes em Syrtre, Líbia, de unificar o continente africano nuns futuros Estados Unidos de África ao sul do Saara. Mas se o início da moderna unidade africana esteve em Syrtre, a génese da unidade africana vamos encontrá-la nos movimentos pan-africanistas do início do século XX, nas ideias de George Padmore, de Marcus Garvey e, principalmente, nas de Kwane Nkrumah quando, em 1958, juntou um grupo de eminentes líderes emancipalistas e decidiram ser altura de juntar os povos africanos, que prospectavam as independências das suas colónias, num África unida pelo federalismo político e social com o apagamento das fronteiras de régua e esquadro da Conferência de Berlim. Relembremos que o primeiro defensor da unidade africana foi Garvey, um jamaicano. Nos finais dos anos 10's do século passado, através da revista *African Times and Orient Review*, sediada em Londres, cujo redactor principal era Duse Ali, um anti-imperialista egípcio de ascendência sudanesa, membro do partido wafdistas egípcio e defensor do nacionalismo africano, Garvey propôs que os negros americanos voltassem a África e criassem os Estados Unidos de África, para o qual criou um lema "África para os Africanos Negros"; aliado ao dogmatismo religioso de "Cristo era negro"; e reforçado na Associação Universal para o Progresso dos Negros (UNIA) que, de acordo com os garveyistas rapidamente chegou aos seis milhões de membros. A UNIA foi o embrião da República Universal Negra, um "Estado"; sem território porque criado ainda fora de África, mas com elevado agregado populacional, os negros norte-americanos e britânicos. Garvey chegou a intitular-se "presidente provisório de África"; e, admirador confesso das grandiosidades napoleónicas, decidiu conceder títulos nobiliárquicos aos seus principais companheiros, facto que levou a fuga de muitos aliados e ao fim do garveyismo. Mas 1963 mostrou que as diferenças entre os africanos eram maiores que as semelhanças e as afinidades. A prova disso aconteceu em Adis-Abeba onde foi criada a Organização de Unidade Africana (OUA) que não contextualizava a Unidade Africana mas tão só a Unidade e Solidariedade entre os Estados Africanos alicerçada na defesa da soberania, integridade territorial e independência dos povos africanos segundo as fronteiras coloniais reconhecidas pelas Nações Unidas e no reforço da união entre os nossos Estados com vista ao estabelecimento e fortalecimentos das Instituições Comuns, conforme prescrevia no Preâmbulo da Carta Constitutiva. Ou seja, o Federalismo e o encapotado Estados Unidos de África, já previstos por Garvey, morriam e surgiam os Estados africanos independentes, soberanos e politicamente autonomizados entre si. Se as vontades dos líderes de Adis-Abeba eram pertinentes e justificáveis, as disputas entre os dois blocos político-militares da chamada Guerra-Fria, tornaram a sua co-vizinhança quase impossível e levaram a OUA a um profundo coma que só começaria a se atenuar com a Perestroïka e a Queda do Muro entre 1990 e 1991. Quando Kadhafi propôs a criação da UA, em 1999, fê-lo no pressuposto que seria o (re)embrião dos futuros Estados Unidos de África, mas, sublinhe-se, mas ao sul do Saara. Quando os estadistas africanos se reuniram em Durban e propuseram que a UA avançasse fizeram-no na perspectiva dos Estados Unidos de África mas, conforme previa o Preâmbulo do Acto Constitutivo da União, no sentido da afirmação de África e implementar a criação da Comunidade Económica Africana, com vista a promover o desenvolvimento sócio-económico da África e enfrentar, de forma mais efectiva, os desafios da mundialização; na necessidade de construir uma parceria entre os governos e todos os segmentos da sociedade civil, em particular as mulheres, os jovens e o sector privado, a fim de consolidar a solidariedade e coesão entre os nossos povos; e, acima de tudo, promover e proteger os direitos humanos e dos povos, consolidar as instituições e cultura democráticas, e a promover a boa governação e o Estado de direito. Cinco anos depois, vemos os actuais estadistas africanos se reunirem em Accra, comemorando os 50 anos do primeiro Estado africano do pós-Guerra e a primeira iniciativa federalista de Nkrumah, voltarem a falar nuns Estados Unidos de África mas, desta feita, agrupando todos os países africanos. Tal como já aqui foi referido anteriormente, se se quer imitar os europeus, porque parece ser isso, quando se quer imitar ao se preconizar no Acto Constitutivo da União a criação de uma Comissão Africana — alguém a viu por aí? —, um Parlamento africano — onde está?, e logo sediado em Tripoli —, um Exército panafricano — tem-se visto esse exército na Somália e em Darfur —, um Conselho Executivo com a reunião periódica de um Conselho de Ministros — nisto estão sempre prontos —, de um Tribunal de Justiça — por isso que alguns dirigentes oposicionistas continuam a ser perseguidos sem que a comunidade africana grite mais alto que os silêncios ensurdecedores de certos sectores convenientemente estabelecidos — e a implementação de instituições financeiras, cuja base estaria no actual — ainda actual — Banco Africano de Desenvolvimento. Só que copiar o que está mal não me parece a melhor solução. Os africanos têm mostrado saber gerir os seus interesses quando não impulsioneados em vectores diferentes. Mas como o simplismo e o despotismo ainda perdura na grande maioria dos sectores políticos africanos, África vai penando e, periodicamente, colocando-se em bicos de pés e estendendo a mão à caridade vai pedindo mais ajudas esquecendo-se que o Continente africano não precisa de quem lhe ofereça o peixe mas, como relembram o seu actual maior investidos e sugador — os chineses, de quem lhes ensine a pescar —

Publicado no jornal moçambicano *O Observador*, edição nº 011, de 9 de Julho de 2007 com o sub-título "Entre o peixe e a pesca, entre o sonho e a realidade" (edição em PDF por assinatura)